

Aranhaverso: um cronotopo englobador das produções discursivas de Homem-Aranha

Ive Marian de Carvalho **DOMICIANO***
Pollyanne Bicalho **RIBEIRO****
Francisco Rogiellyson da Silva **ANDRADE*****

*Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin/UFC). Professora de Língua Portuguesa vinculada à Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC). ive.marian@prof.ce.gov.br.

**Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professora do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Federal do Ceará (UFC). pollyanne.bicalho@gmail.com.

***Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin/UFC). Professor do setor de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Litoral Leste da Universidade Estadual do Ceará (FECIL/UECE) e de Língua Portuguesa vinculado à Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC). rogiellyson.andrade@uece.br.

Resumo

Neste artigo, assumindo princípios da teoria dialógica do discurso, defendemos a tese de que o aranhaverso pode ser caracterizado como um cronotopo, no qual, através das diferentes produções multissemióticas em que o personagem aracnídeo é protagonista, pequenos tempos dialogam entre si para construir esse cronotopo, o qual, por sua vez, erige modos de o sujeito responsabilizar-se enunciativamente. Teoricamente, elegemos a noção de cronotopo, definida por Bakhtin (2018) como as coações espaço-temporais pelas quais imagens de homem e de mundo são representadas. A análise demonstra que o cronotopo se apresenta como fator imprescindível para a configuração dos elementos do projeto ficcional, seja como centros organizacionais dos acontecimentos basilares que ocorrem na história, seja como repertório valorativo no qual o interlocutor se apoia para produzir sentido e conformar valorações. No aranhaverso, é notória a influência do cronotopo sobre a construção do tornar-se super-herói, a partir de temporalidades específicas, culminando em um tempo-espaço simbólico único, sempre tingido enunciativamente pela unicidade do ser em dada posição singular e irrepetível.

Palavras-chave: cronotopo; Aranhaverso; Homem-Aranha; análise dialógica do discurso.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v.27, n.2, p.75-91, agosto. 2024

Recebido em: 24/02/2024

Aceito em: 26/04/2024

Aranhaverso: um cronotopo englobador das produções discursivas de Homem-Aranha¹

Ive Marian de Carvalho Domiciano
Pollyanne Bicalho Ribeiro
Francisco Rogiellyson da Silva Andrade

INTRODUÇÃO

As noções de Bakhtin e o Círculo têm como pressuposto o dialogismo. É por meio dele que os interlocutores “[...] jamais permanecem cada um em seu próprio mundo; ao contrário, encontram-se num novo, num terceiro mundo no mundo dos contatos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas relações dialógicas” (Bakhtin, 2016, p. 113). Tanto as práticas languageiras mais cotidianas quanto as mais elaboradas são permeadas por relações dialógicas que refletem e refratam os valores, os posicionamentos, as crenças dos sujeitos em sociedade. A partir desse jogo axiológico, mobilizamos a noção de cronotopo, a qual dará subsídio ao olhar investigativo aqui investido.

A noção bakhtiniana rompe com a compreensão de tempo linear e cronológica, para dar lugar à confluência simbólica tempo-espaço, defendida como aspecto constitutivo do enunciado concreto. Nesse sentido, o cronotopo não se apresenta, na Teoria Dialógica do Discurso (TDD), como um mero pano de fundo da cena enunciativa, mas como uma pulsão de sentido. Há, portanto, um papel central do cronotopo na configuração da interação, ou seja, das relações entre sujeitos, entre os discursos, entre as vozes, enfim, o espectro sógnico engendrado é garantido pelo enquadre espaçotemporal.

Contrariamente ao método cartesiano que se debruça a entender o tempo e o espaço apartadamente, Bakhtin e o Círculo propõem considerar a junção tempo e espaço para compreender a arquitetônica do mundo da vida e do mundo da cultura, visto que, para que os sentidos possam “[...] incorporar-se à nossa experiência (e, ademais, não a uma fictícia consciência único-individual, mas à experiência social), eles devem entrar em nosso universo espaçotemporal, ou seja, devem ganhar forma sógnica. Sem isso não poderíamos entrar em contato com eles” (Bakhtin, 2018, p. 245).

Isso posto, este texto cumpre o propósito de analisar o papel do cronotopo nas produções discursivas do Homem-Aranha. A tese central defendida consiste em entender o aranhaverso como um cronotopo, no qual, através das diferentes produções multissemióticas em que o personagem aracnídeo é protagonista, pequenos tempos dialogam entre si para construir esse cronotopo, que, por sua vez, permite modos de construir visões de homem e de mundo que se responsabilizam enunciativamente frente ao grande tempo cultural.

Para cumprir isso, segmentamos, afora introdução e considerações finais, este estudo em três tópicos. Na próxima seção, explicitamos nossa fundamentação sob a perspectiva da TDD. Depois, traçamos um breve panorama do personagem Homem-Aranha nos quadrinhos e no cinema. Por fim, analisamos, a partir da noção de cronotopo de Bakhtin e o Círculo, a organização espaço-temporal própria do cronotopo do aranhaverso.

¹ Revisado por: Francisco Cleyton de Oliveira Paes.

Nosso esforço é o de demonstrar as potencialidades analíticas do cronotopo para compreender escolhas enunciativas empreendidas na narrativa de Homem-Aranha, desvelando estratégias utilizadas pela cultura quadrinhística para efetivar sua responsividade. Vale ressaltar que “A arte e a literatura estão impregnadas de valores cronotópicos de diferentes graus e dimensões. Cada motivo, cada elemento da obra ficcional a ser destacado é um valor” (Bakhtin, 2018, p. 217).

O CRONOTOPO E SUAS REVERBERAÇÕES NOS ESTUDOS EM ADD

A noção de cronotopo foi utilizada por Bakhtin (2018) para analisar textos literários. Apesar disso, percebemos que esse conceito diz respeito à produção dos discursos na vida social da linguagem – tanto na vida quanto na arte. Para Bakhtin (2018, p. 11), cronotopo diz respeito à “interligação essencial das relações de espaço e tempo”. Em sua reflexão, importa “a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço). Entendemos o cronotopo como uma categoria de conteúdo-forma” (Bakhtin, 2018, p. 11). Com efeito, apoiados no autor, não estamos falando do tempo cíclico ou cronológico nem do espaço físico ou geográfico; o cronotopo é uma criação discursiva que, em decorrência das relações dialógicas, serve de herança enunciativa para a produção de sentido e de garantidor da irrepetibilidade do enunciado. Então, quando estamos falando de cronotopo, falamos do espaço-tempo discursivizado nos textos.

Nesse esteio, o enunciado apresenta signos ideológicos que constroem um instante do discurso, evidenciando o tempo e o espaço do acontecimento da linguagem. O cronotopo, à luz do que diz Machado (2010), interfere não somente na escolha dos signos. Ele é um fenômeno da linguagem, por isso influencia na elaboração dos gêneros discursivos e nos construtos ideológicos circulantes socialmente – justamente por ser não somente uma categoria formal, mas também contenedora. Tanto é um fenômeno da linguagem que, para Ribeiro e Freitas (2020, p. 488), “a linguagem é permeada de energia cronotópica”. Portanto, se linguagem é discurso, então é válido afirmar que só se produz sentido quando as relações cronotópicas são avivadas.

Para Bakhtin (2018, p. 12), “o cronotopo [...] determina também a imagem de homem [...]”. Nesse aspecto, se as imagens construídas, isto é, os discursos produzidos nos enunciados são essencialmente cronotópicos, quando fazemos alusão ao cronotopo, recuperamos concepções de homem e de mundo que circulam socialmente naquele momento enunciativo, conseguindo perceber, sob a égide das relações dialógicas, as forças ideológicas que se contrapõem e se confluem no enunciado, sob o horizonte avaliativo de quem enuncia.

Nessa dimensão, a produção discursiva, diz Bakhtin (2018), não somente recupera construtos ideológicos de dado espaço-tempo. Com efeito, os enunciados refletem e refratam visões de homem e de mundo que percorrem o cronotopo da interação. Conseqüentemente, o produtor sempre tinge seu enunciado, realizando uma valoração, um novo discurso, permitindo que essa posição axiológica entre na cadeia discursiva das relações dialógicas. Obviamente, tanto no grande e no pequeno tempo, há coerções cronotópicas que gestam a eclosão da axiologia.

Queremos dizer, com apoio no modo como Ribeiro e Freitas (2020) interpretam da reflexão de Bakhtin (2018), que o cronotopo é um dos principais responsáveis por garantir a irrepetibilidade e a singularidade do enunciado. Ora, se considerarmos as orações em suas relações lógicas, elas podem repetir seu sentido e suas funções sintáticas; o enunciado, gestado pelas relações dialógicas, apresenta um discurso único e irrepetível, pois é produzido num cronotopo também único e irrepetível.

Para Bakhtin (2011), o diálogo parece acabar na enunciação; mas, no cronotopo do grande tempo da cultura, ele é sempre inconcluso. O cronotopo garante, então, além da irrepetibilidade, o inacabamento do enunciado em função de ser ele o que movimenta a engrenagem das relações dialógicas.

Obviamente, todos os enunciados se reconhecem em função das relações dialógicas. Não fosse o cronotopo, a produção discursiva seria um simples emaranhado de repetições. Ao contrário disso, quando percebemos que o enunciado é singular, isso ocorre porque ele, em seu espaço-tempo, apresenta uma valoração única em relação aos discursos que evoca.

Nesse âmbito, ressalta Machado (2010) que o conceito de cronotopo, como elaborado por Bakhtin (2018), busca compreender o sujeito em sua dimensão histórica. O cronotopo é uma alternativa para que haja a percepção do transporte do homem no curso de suas relações (sempre) exotópicas e alteritárias, isto é, o homem é tomado em suas fronteiras relacionais e, conseqüentemente, dialógicas.

É mister lembrar que a noção de cronotopo também contribui para a compreensão de que o homem é um ser histórico. Dessa forma, conforme sinaliza Machado (2010), o cronotopo faz transparecer como a produção discursiva inscreve historicidade na linguagem e vice-versa, tornando o corpo filosófico bakhtiniano coerente com sua empreitada de ver a língua num enfoque concreto, histórico, social e ideológico. Portanto, o cronotopo tem o objetivo de revelar como o homem exerce sua inscrição axiológica na marcha do tempo.

Nesse aspecto, se recuperamos a teorização de Volóchinov (2018), também o cronotopo é uma categoria que expressa o processo de luta de classes, fenômeno intrínseco ao grande tempo da cultura, mas sempre ressignificado no pequeno tempo. Acerca dessas duas noções, o grande tempo, na filosofia bakhtiniana, se refere às ideologias que compõem toda a cultura da luta de classes. O pequeno tempo, por sua vez, diz respeito ao tempo da enunciação, isto é, ao aqui e agora que atualiza e inscreve o enunciado na correia discursiva.

Em conclusão a essa discussão, entende-se que

[...] há sempre um cronotopo maior, englobador, mas há também cronotopos menores, que se relacionam ao maior e entre si. Esses cronotopos menores, específicos, podem se organizar a partir de posicionamentos valorativos bem distintos. Há, por exemplo, o cronotopo do locutor, o de enunciados anteriores, e o dos interlocutores que, a cada contato com o enunciado, acionam novos cronotopos (Marques; Freitas, 2021, p. 96).

Portanto, as relações dialógicas se efetivam no embate entre diferentes cronotopos que coagem a produção enunciativa. Nesse sentido, a linguagem instaura esses diferentes espaços e tempos que edificam as visões de mundo e de homem delineadas nos enunciados.

O cronotopo, ademais, é uma categoria antropocêntrica. Ao pensar a questão espaço-temporal, Bakhtin (2018, p. 251) diz que “o homem concreto [é tido] como centro irradiador dos valores do universo”. Nessa perspectiva, percebe-se que, embora haja coerções cronotópicas que gestam as produções discursivas, o homem, como autor, não é atravessado por elas. Ao contrário disso, o sujeito enunciativo produz avaliações acerca dos valores espaço-temporais que circundam sua existência enunciativa.

Ao pensar o cronotopo nesse viés, Ribeiro e Freitas (2020) e Marques e Freitas (2021) valorizam, no estudo dialógico da linguagem, as relações que os sujeitos estabelecem uns com os outros. O cronotopo revela “as evidências da criação humana”, a atuação do homem no mundo, a maneira como valora sua marcha no tempo e no espaço e, por conseguinte, a relação tensiva entre o “mundo real e o mundo representado”, isto é, entre os discursos anteriormente produzidos e o valor axiológico inscrito pelo sujeito em seu enunciado (Marques; Freitas, 2021, p. 96).

Ainda embasadas na ideia de o cronotopo ser um conceito que põe o homem no centro do enunciado, Marques e Freitas (2021, p. 97) afirmam que “a relação tempo-espaço está inexoravelmente ligada à percepção”. Isso significa dizer que a percepção que o sujeito constrói de si, do outro e do Outro (supradestinatário), do lugar social que assume em dada enunciação, enfim,

do mundo que representa é dependente da maneira como ele percebe, enunciativamente, o objeto de discurso sobre o qual fala.

À luz da compreensão de que o cronotopo oferece modos de operar a axiologia e de organizar arquitetônicas enunciativas, pretendemos perceber, neste texto, como aranhaverso se configura como um cronotopo no qual se gestam as produções enunciativas aracnídeas. Antes disso, a seguir, apresentamos o enredo e o contexto de criação do personagem Homem-Aranha.

“COM GRANDES PODERES, VÊM GRANDES RESPONSABILIDADES”: COMO NASCE O (SUPER)HERÓI DA VIZINHANÇA

Em 1929, os americanos enfrentavam a grave crise na bolsa de valores. Nesse período, personagens de aventuras, como Tarzan e Buck Rogers, surgiram nas edições dos jornais dominicais norte-americanos e, por serem essencialmente cômicas, receberam a nomenclatura *comics* (Lovetro, 2011). Posteriormente, essas *comics*, publicadas em formato de tira, passaram a ser publicadas diariamente e foram essenciais, junto ao cinema, para disseminação da cultura, dos valores e dos ideais americanos (Carvalho; Ribeiro, 2018).

Em 1938 surge, na primeira edição da *Action Comics*, o *Superman*, super-herói criado por Jerry Siegel e Joe Shuster e considerado por muitos estudiosos e leitores de HQ como o primeiro super-herói², inaugurando a era de ouro das HQ americanas, sucesso de público e de vendas e símbolo do patriotismo americano, desde a sua vestimenta (com as cores da bandeira norte-americana) até seu slogan: lutar por verdade, justiça e o modelo americano (Carvalho, 2018).

Após esse ápice, nos meados dos anos 1950, quando o país enfrentava a Guerra Fria, os quadrinhos passaram por um momento sombrio de preconceito, estigmatização e censura, o que acabou por impactar tanto em suas vendas quanto na qualidade das narrativas. Foi na chamada Era de Prata dos quadrinhos, tentativa das grandes editoras de superar estas questões, que surgiu uma nova leva de super-heróis que buscavam se desvencilhar do modelo de perfeição dos super-heróis da Era de Ouro, aproximando-se dos homens comuns, passíveis de falha, e que, além dos super-vilões, enfrentam também problemas do mundo real. Nesse novo cenário, novos valores enunciativos se impunham para a concepção de super-heróis, isto é, novos modos cronotopicamente avivados de conceber super-heróis se erigiram. Assim, em 1962, surge o personagem Homem-Aranha, criado por Stan Lee e Steve Ditko.

A primeira história do Homem-Aranha, intitulada *Amazing Fantasy*, surgiu como uma experiência. A *Marvel Comics* (que, na época, se chamava oficialmente *Atlas*) procurava um super-herói com o qual os jovens fossem capazes de se identificar³. Vemos, como dissemos inicialmente, que, desde seu início, o personagem surge a partir de coerções cronotópicas vivenciadas naquele tempo cultural estadunidense: era preciso um herói do qual o público juvenil se sentisse próximo e cujos desafios fossem passíveis de vivência por um público sem superpoderes. Para Bakhtin (2018), o cronotopo sempre evidencia concepções de homem e de mundo, isto é, valores ideológicos que estão incrustados na cultura. É o que podemos ver quando do surgimento do Homem-Aranha.

² Este é um tema controverso, pois personagens com características semelhantes às do Homem de Aço foram criados anos antes de seu lançamento, como *Flash Gordon*, idealizado por Alex Raymond em 1934, e *Mandrake The Phantom*, criado em 1936 por Lee Falk. Contudo, convencionou-se chamar o Super-Man de o primeiro Super-Herói Americano por reunir todas as características do que se esperava de um super-herói na época, além de ter se tornado uma espécie de modelo para os personagens que viriam após seu surgimento.

³ Essa busca pela identificação entre os jovens e o personagem Homem-Aranha fez com que este ficasse popularmente conhecido como Herói da Vizinhaça ou Amigo da Vizinhaça, o que destaca que qualquer um, seja um amigo de escola, um vizinho ou um parente distante, pode ser um super-herói.

Surge, nesse contexto discursivo, Peter Parker, um estudante adolescente, inseguro, tímido, que enfrentava *bullying* na escola e algumas desilusões amorosas. Desde aí, percebemos imagens de homem e de mundo condizentes com a de um novo super herói cujos conflitos não mais se afastassem do mundo de seu público: o *bullying* e a desilusão amorosa geram, portanto, aproximação dos leitores com o herói, porque, nesse momento cultural, interessava, mesmo para o mundo da arte, um personagem cuja verossimilhança pudesse ser encarnada no mundo da vida em certa medida.

Figura 1 - Capa da primeira aparição de Homem-Aranha nos quadrinhos



Fonte: Lee (1962).

Este primeiro quadrinho trata da origem do personagem que, por ser um adolescente, comete erros comuns à idade, frutos da imaturidade e da forma como lida com as consequências de suas ações. Além disso, subsequentemente, ainda nos anos 1960, o leitor é apresentado a outros personagens que fazem parte da mitologia do herói aracnídeo, como os interesses românticos Mary Jane e Gwen Stacy, bem como Flash Thompson, inimigo dos tempos de escola, e Harry Osborn, melhor amigo de Peter Parker. Ainda nessa época, foram apresentados supervilões importantes, como Duende Verde, Homem-Areia, Electro, Lagarto, Misterio e Dr. Octopus.

O conflito do personagem nasce do seguinte: durante um passeio escolar a um laboratório, Peter é mordido por uma aranha radioativa, evento que lhe concede superpoderes. Inicialmente, o super-herói era capaz de escalar paredes, além de apresentar agilidade, força e velocidade sobre-humanas, bem como o sentido aranha, uma espécie de sexto sentido que lhe alertava, através de uma sensação de arrepio, que algum perigo estava próximo.

Por ser um excelente aluno e possuir grande interesse pela ciência, Peter consegue aprimorar seus poderes, criando sua própria teia orgânica e um uniforme ainda bastante precário. Como seu maior problema era a questão financeira, o herói resolve participar de alguns campeonatos de luta contra um lutador profissional, o qual derrota sem maiores dificuldades. Então, ele assume a *persona* Homem-Aranha e se torna sucesso através de suas fotos estampadas nos jornais e na TV.

Após a primeira aparição na TV, Peter, ao presenciar uma fuga de um assaltante, resolve não interferir por acreditar que não seria sua responsabilidade. Mais tarde, esse mesmo assaltante seria responsável por matar seu tio Ben. Essa tragédia molda profundamente a relação de Peter com os seus poderes, e o lema *com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades*, dito pelo tio e adotado por ele desde então, confirma sua compreensão de que seus poderes não deveriam ser utilizados apenas em benefício próprio, mas também para proteger inocentes e fazer aquilo que é certo. Nos anos 1970, outra tragédia marca a vida do super-herói: a morte de sua namorada, Gwen

Stacy, assassinada por seu inimigo Duende Verde, que buscava atingir o herói em seu ponto mais fraco.

No cinema, o Homem-Aranha foi protagonista, até o presente momento, de dez filmes, entre 2002 e 2023, sem contar participações em outras produções. Em 2017, com o ator Tom Holland, o personagem teve sua primeira aventura solo no UCM⁴. Ainda no cinema, a animação *Homem-Aranha no Aranhaverso*, de 2018, narra, pela primeira vez no universo cinematográfico, a origem e a trajetória do personagem Miles Morales, que ganha superpoderes ao ser picado por uma aranha radioativa, tal qual o super-herói do qual se torna discípulo, Peter Parker. A animação ganhou um Oscar e um Globo de Ouro, ambos de melhor animação. Em 2023, essa animação ganhou uma sequência, chamada *Homem-Aranha: Através do Aranhaverso*. O final da trilogia, que deverá se intitular *Homem-Aranha: além do Aranhaverso*, deverá estreiar em 2024⁵.

A RELAÇÃO ENTRE CRONOTOPO E HOMEM-ARANHA: O ARANHAVERSO

Aqui, interessa-nos observar de que maneira as diversas publicações protagonizadas pelo personagem aracnídeo erigem um cronotopo, a que chamamos de aranhaverso. Como dito anteriormente, o conceito de cronotopo foi desenvolvido por Bakhtin (2018) e designa a relação entre tempo e espaço nos enunciados concretos.

Segundo o pensamento bakhtiniano, as dimensões espaço-temporais estão intrinsecamente conectadas na construção de significados e na compreensão dos eventos de uma narrativa, justamente porque o cronotopo invoca concepções de homem e de mundo mobilizadas pelos enunciados.

Assim, é possível afirmar que o conceito de cronotopo formulado por Bakhtin (2018) está diretamente ligado aos quadrinhos e às suas respectivas produções cinematográficas, primeiramente porque as HQ, bem como as produções literárias⁶ e os demais enunciados do mundo da arte, apresentam organização espaço-temporal própria, podendo apresentar saltos temporais, mudanças abruptas de espaço onde se desenvolve a narrativa, ou, até mesmo, contextos espaço-temporais diferentes e simultâneos⁷. Essa organização auxilia a moldar a narrativa das HQ (Figueira, 2009).

Ademais, podemos relacionar o cronotopo às diversas noções presentes nas HQ e nos filmes derivados delas. Destas noções, escolhemos explorar, através do personagem Homem-Aranha, como o conceito bakhtiniano se relaciona com a cronologia do personagem (e com seus *reboots*⁸), com seus *crossovers*⁹ e com seu multiverso, que aqui nomeamos como aranhaverso.

⁴ Os direitos do personagem Homem-Aranha são compartilhados entre a Marvel Studios (subsidiária da Disney) e a Sony Pictures. A Marvel Studios tem permissão para incluir o Homem-Aranha em filmes do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM), enquanto a Sony Pictures detém os direitos de produção de filmes independentes do Homem-Aranha. Essa parceria entre a Marvel Studios e a Sony permitiu que o Homem-Aranha fosse introduzido no UCM e aparecesse tanto em seus filmes-solo quanto nas grandes produções *Capitão América: Guerra Civil*, *Vingadores: Guerra Infinita* e *Vingadores: Ultimato*.

⁵ Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2023/06/01/homem-aranha-atraves-do-aranhaverso-e-filme-dividido-em-duas-partes-e-tres-diretores.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2023.

⁶ Não entraremos aqui na questão polêmica de se considerar ou não quadrinhos como literatura; seguimos o pensamento de Canudo (1923) que adicionou o cinema como a sétima e os quadrinhos como a nona arte, pois essa concepção não a coloca em patamar de inferioridade às produções literárias e reconhece seu valor como elaboração artística distinta. Ademais, seguindo a teoria dialógica evocada, o que importa é a inscrição num campo da criação ideológica. Desse ponto de vista teórico, literatura e HQ são regidas pelo mesmo sistema de pensamento, o que o Círculo nomeia genericamente como arte.

⁷ O chamado multiverso, como desenvolveremos adiante.

⁸ *Reboot* é um termo advindo da informática, que, nos quadrinhos e no cinema, é utilizado para indicar quando uma obra estabelece um novo começo para um universo ficcional, descartando todas as narrativas antecessoras para criar uma nova. Frisamos que *reboot* não é o mesmo que *remake*: enquanto este basicamente repete uma narrativa já contada, podendo apresentar ou não elementos novos, aquele oferece nova(s) narrativa(s), sem relação alguma com as anteriores.

⁹ Como veremos mais detalhadamente adiante, o *crossover*, nos quadrinhos, é um evento em que personagens de diferentes universos ficcionais se encontram e interagem em uma história conjunta.

As HQ, principalmente as que apresentam como protagonistas os super-heróis, manifestam grande complexidade narrativa. Traçando um paralelo entre elas e os conceitos de grande e de pequeno tempo introduzidos por Bakhtin (2018), podemos afirmar que cada revista em quadrinho, ou seja, cada publicação individual, faz parte do pequeno tempo desse complexo narrativo, que se refere ao tempo da vida cotidiana individual, aos eventos e às experiências imediatas; esse quadrinho, por sua vez, faz parte de uma narrativa maior, ou grande narrativa, situada no grande tempo da cultura quadrinhística, abrangendo eventos e transformações sociais, políticas e culturais em uma escala de longo prazo e composta por vários quadrinhos que dialogam entre si, deixando entrever as diferentes concepções de homem e de mundo que vão se desenrolando nessas sucessividades espaço-temporais.

Como dito, vemos que é próprio da cultura quadrinhística estadunidense a criação de super-heróis combatentes do mal reparadores das injustiças sociais; no grande tempo cultural quadrinhístico, essa característica é latente. Homem-Aranha, em seus pequenos tempos, promove uma axiologia: o herói é alguém que, embora reparando injustiças, vivencia desafios comuns a adolescentes e tem experiências emocionais e cotidianas afeitas às de quaisquer pessoas.

Pode-se concluir, então, que, se, no grande tempo cultural quadrinhístico, criam-se narrativas de reparação de injustiças sociais, o pequeno tempo do aranhaverso demonstra que é preciso tornar essa reparação mais próxima do leitor, dando a ideia de que também ele tem capacidade para isso. Gera-se, além de uma afeição e de um atendimento às exigências do público, um empoderamento do público, que se vê mais capaz de superar desafios.

Exemplo disso é o lançamento, entre 1989 e 2000, de revistas em quadrinhos mensais com o intuito de (re)publicar histórias antigas do personagem. Nessa conjuntura, cada uma dessas 500 revistas lançadas nesse período, situadas no pequeno tempo e com narrativa própria, fazem parte de um evento narrativo maior, situadas no grande tempo, resultado da junção de todos os quadrinhos, que ficou conhecido como “A Teia do Aranha” (Pitombo, 2007, p. 15):

Figura 2 - Capa da primeira HQ da série “A Teia do Aranha”, de 1989



Fonte: Dos autores.¹⁰

¹⁰ Pesquisado em: <https://photobucket.com/>. Acesso em: 4 jul. 2023.

Já que essa grande narrativa dos quadrinhos se desenvolve em diferentes lugares e momentos da história, seria precisa uma forma de organização desses eventos para que os leitores pudessem se guiar. Convencionou-se chamar, na metalinguagem quadrinhística, de *cronologia* a ordem pela qual os eventos se desenvolvem no universo ficcional de determinada série; é uma espécie de linha do tempo na qual se estabelece a sequência de acontecimentos de uma narrativa, o que permite aos leitores entenderem como as histórias se conectam e formam a grande narrativa (Figueira, 2009).

A cronologia mostra-se especialmente importante nos quadrinhos cujos protagonistas são super-heróis, pois cada um deles faz parte de um universo específico, apresentado através de narrativas mais longas, em quadrinhos publicados ao longo de décadas. Na cronologia quadrinhística, os eventos são ordenados em uma linha do tempo, que sequencia os acontecimentos. Ela pode abranger décadas de publicações e incluir eventos importantes e diversos, como dissemos; contudo, assim como o cronotopo, a cronologia dos quadrinhos também sofre influências do aspecto espacial, pois as HQ possuem um espaço narrativo único, geralmente dividido em painéis, nos quais ações e eventos acontecem. Cada quadro representa um espaço limitado; porém, esses espaços se conectam e se relacionam entre si para formar uma narrativa coerente. A disposição desses quadros, a relação entre eles e a maneira como o tempo é representado visualmente têm papel importante na narrativa.

A cronologia de um personagem pode sofrer alterações a depender das diferentes versões e das histórias apresentadas. Como os quadrinhos e os filmes apresentam, há diversos personagens intitulados Homem-Aranha, cada um situado em um cronotopo específico e apresentando narrativa própria. É a existência desses múltiplos universos, onde vivem as diferentes versões de um determinado personagem, que denominamos de multiverso. O multiverso específico do Homem-Aranha e de suas inúmeras versões, por ser um dos mais desenvolvidos e explorados nos quadrinhos e no cinema, recebeu o nome de aranhaverso.

Com isso, podemos perceber que, quando nos referimos à cronologia do aranhaverso, este se elabora como um cronotopo que enquadra produções enunciativas referentes à personagem Homem-Aranha. Desse modo, apesar de o termo apresentar o traço semântico da sucessividade temporal física, vemos que, embora a passagem do tempo se processe ao longo das diferentes publicações, o aranhaverso se refere a coações enunciativas percebidas no espaço-tempo da trajetória da personagem. Isso significa dizer que, assim como quaisquer cronotopos, o aranhaverso diz respeito a uma produção discursiva, portanto do âmbito do simbólico da linguagem, e não da esfera do tempo e do lugar físicos, tal como já entrevê Bakhtin (2018) para quaisquer produções enunciativas.

Embora apresentem narrativa própria, há eventos que se repetem no cronotopo de todos os Homem-Aranha, chamados de eventos canônicos. São eles que identificam um personagem como tal – não se pode falar de Homem-Aranha, ou de Mulher-Aranha, ou de qualquer versão desse super-herói sem haver, por exemplo, a picada de uma aranha radioativa, que lhe confere superpoderes, além das situações de luto: a morte de um interesse amoroso e/ou de um familiar próximo, como a namorada Gwen Stacy e o tio Ben, relacionados ao Homem-Aranha original, Peter Parker.

Cronotopicamente, é verossímil afirmar que há uma invariante para se perceber que um herói faz parte do aranhaverso. Em nada isso tem de descompromissado: Volóchinov (2018) diz que toda manifestação signíca é eivada de ideologia; conforme Bakhtin (2016), ao elaborar seu enunciado, o sujeito tinge o signo com sua axiologia, respondendo enunciados passados e antecipando os futuros. Assim, percebemos que os protagonistas aracnídeos se diferenciam dos super-heróis de outros multiversos porque, ao invés de serem contemplados com superpoderes, só começam a manifestá-los quando atingidos pela picada de uma aranha – uma causalidade; além disso, nesse cronotopo, suas capacidades heróicas são utilizadas a partir do momento em que

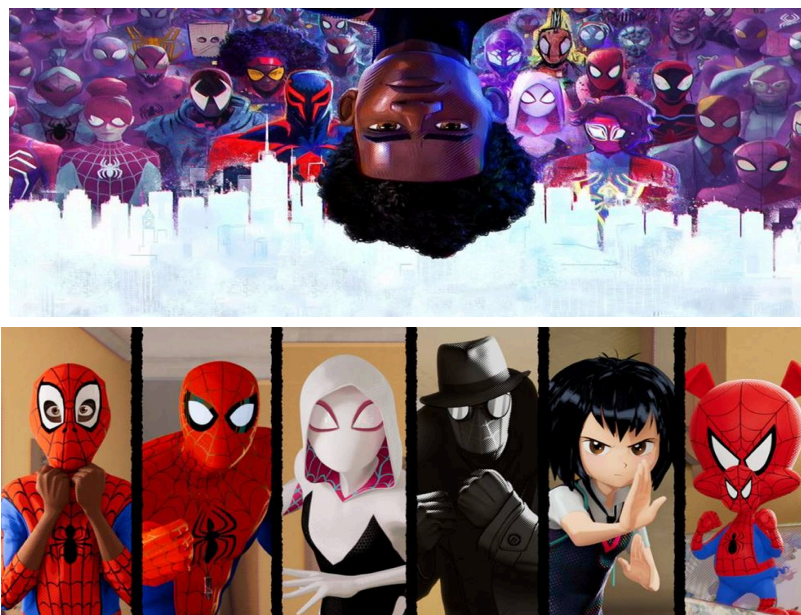
mazelas estruturais da sociedade começam lhes prejudicar. Portanto, o aranhaverso, cronotopicamente, reflete e refrata enunciados, responsabilizando-se frente a outros cronotopos a partir do momento em que coage os modos como se constrói seu super-herói.

Nos quadrinhos, um rompimento no cânone, por menor que seja, pode causar situações catastróficas envolvendo todas as versões de um personagem, mesmo os que não compartilham do mesmo cronotopo. Essa é a premissa do filme de animação *Homem-Aranha Através do Aranhaverso*, de 2023, no qual o protagonista Miles Morales, quando picado por uma aranha geneticamente modificada e pertencente a um outro universo/cronotopo, que foi acidentalmente transportada do universo do Homem-Aranha original (Peter Parker) para o *Ultimate Marvel*, que é o universo de Miles, desencadeia uma série de problemas às outras versões pertencentes a cronotopos os mais diversos possíveis (TERRA-616, cronotopo onde se situa Peter Parker, o tradicional Homem-Aranha e Jessica Drew, Mulher-Aranha que aparece grávida no filme; TERRA-50101, de Pavitr Prabhakar, Homem-Aranha indiano; TERRA-65, da Spider-Gwen, uma das Mulheres-Aranha, por exemplo).

Essas versões ganham formas, texturas e cores que remetem ao cronotopo ao qual pertencem, obviamente apresentando também axiologias próprias, refletindo e refratando concepções de homem e de mundo presentes no personagem estadunidense original, mas, de todo modo, ressignificando o complexo cronotopo do aranhaverso.

Todos esses cronotopos são delineados através das mudanças semióticas inscritas nos enunciados, a exemplo da forma como o super-herói é desenhado (é possível perceber a existência de Homens-Aranha tracejados à moda dos mangás, mas também há aqueles em *live-action* e em estilos de desenhos diversos pelos quais o personagem já foi retratado nos quadrinhos), e até mesmo através de metalinguagem (quando, por exemplo, o Homem-Aranha situado no cronotopo dos EUA de 1960 não consegue correr com a mesma agilidade dos personagens mais atuais, por exemplo):

Figura 3 - Diversos Homens (e Mulheres) - Aranha pertencentes a diferentes cronotopos



Fonte: Dos autores¹¹.

¹¹ Pesquisado em: <https://ovicio.com.br/10-aranhas-que-mais-queremos-ver-em-atraves-do-aranhaverso/>. Acesso em: 4 jul. 2023.

As figuras revelam que, embora de origem estadunidense, também outros países elaboraram histórias com um personagem protagonista picado por uma aranha radioativa. Essa, a nosso ver, é a grande característica de composição enunciativa do aranhaverso, como antes ressaltamos. Apesar disso, é preciso, ao percebermos como se elabora esse cronotopo, de que maneira esse universo discursivo tonaliza o mundo, responsabilizando-se enunciativamente frente a ele.

Na parte superior da figura, é possível perceber que a maioria dos protagonistas aracnídeos cujos exemplares circularam nos Estados Unidos da América (EUA) apresenta vestimenta vermelha e azul. Tais cores, como em outros super-heróis estadunidenses, a exemplo de *Superman* e de Capitão-América, estabelece a questão patriótica do personagem em relação a seu país, cuja bandeira apresenta essas cores. Faz parte, portanto, das diversas personagens protagonistas do aranhaverso a utilização de uma veste cuja cor revele valores sociais importantes acerca do cronotopo cultural em que se circunscreve – nesse caso, o patriotismo.

Isso ocorre também com a criação exclusiva para o mercado indiano, conhecido como *Indian Spider-Man* (Homem-Aranha Indiano). Esse personagem estreou em 2004 e tem como protagonista Pavitr Prabhakar, um jovem órfão que adquire poderes aracnídeos após encontrar um misterioso iogue.

Figura 4 - Pavitr Prabhakar, o Homem-Aranha indiano



Fonte: Dos autores¹².

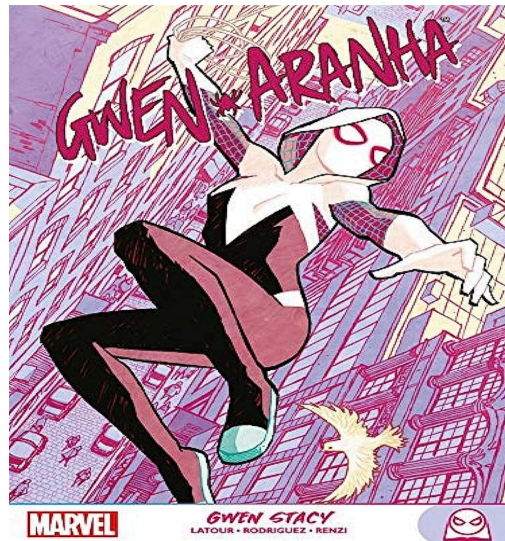
Como se vê, a roupa do Homem-Aranha indiano consiste no icônico traje vermelho e azul que todos conhecemos, junto com *dhoti* (calças largas) e *mojari* (calçado tradicional indiano). No filme, os detalhes na roupa de Pavitr são ainda mais marcantes, com pulseiras de ouro e acessórios com significado cultural. Vemos que, do ponto de vista das relações dialógicas, o patriotismo na vestimenta do personagem, assim como na do original estadunidense, se inscreve na criação indiana. Portanto, o que podemos perceber com esse projeto discursivo é que os super-heróis são espécies de símbolos patrióticos, no mundo da arte, tanto para divulgar a cultura daquele país internacionalmente quanto para contaminar a população nativa com o sentimento de ufanismo.

No entanto, não somente o traço patriótico é axiologia presente nas personagens do aranhaverso. Podemos analisar isso observando a figura a seguir.

Figura 5 - A Mulher-Aranha Gwen Stacy

¹² Pesquisado em:

<https://cinpop.com.br/homem-aranha-atraves-do-aranhaverso-conheca-o-homem-aranha-indiano-em-novo-poster-e-comercial-d-e-tv-414820/>. Acesso em: 4 jul. 2023.



Fonte: Dos autores¹³.

A figura retrata a Spider-Gwen, do universo TERRA-65, no qual a aranha radioativa transfere poderes à Gwen, que, no universo principal, é a primeira namorada do Homem-Aranha e morre nas mãos do arqui-inimigo Duende Verde. Nela, alguns traços semióticos são dignos de análise, a exemplo de sua vestimenta. A indumentária da personagem apresenta, como de costume e em correlação com os demais protagonistas do aranhaverso, as indicações de teias de aranha. Quando analisamos as cores, vemos a tonalidade rosa, cor associada à feminilidade, inclusive muito explorada pelo comércio das bonecas criadas nos EUA. Ao manifestar o rosa na capa da super-heroína, axiologicamente, o aranhaverso promove a compreensão de que, para salvar o mundo, a mulher não precisa perder seus traços femininos, uma vez que isso em nada diminui suas capacidades.

Apesar disso, também chama atenção o *collant* que a personagem traja. O caimento da vestimenta supervaloriza suas formas corporais e é extremamente decotado, hipersexualizando-a, tal como ocorre com outras heroínas produzidas no cronotopo discursivo estadunidense. Então, mesmo dando representatividade à mulher, colocando-a em espaço de equidade com o homem, o que deixa ver um posicionamento axiológico feminista importante nas produções discursivas do aranhaverso, ao que parece, no cronotopo estadunidense, ainda existem coações ideológicas que fazem com que as heroínas sejam simbolicamente significadas de maneira extremamente hipersexualizada.

Desse modo, percebemos que, no cronotopo do aranhaverso, semioticamente elaboradas estão axiologias que remetem ao processo de luta de classes. A análise evidencia que há sempre a tentativa de manifestar, seja na escolha das cores e das tonalidades das roupas que vestem os personagens seja na trajetória até se tornarem super-heróis, uma ideologia própria: o patriotismo estadunidense - no caso das tonalidades das capas; ou a tentativa de equalizar as castas sociais - a exemplo do momento em que os protagonistas resolvem assumir seus superpoderes para além daquilo que lhes é conveniente; ou o feminismo - no caso do rosa e do empoderamento na protagonização de mulheres.

Para Volóchinov (2018), a linguagem surge com a própria divisão social do trabalho e com o desenvolvimento das atividades econômicas, gerando as diferenças entre as classes. Aproveitando-se disso, Andrade, Andrade e Ribeiro (2021) explicam que, no grande tempo, sempre haverá o processo de luta de classes, pois ele é caracterizador e imanente à cultura capitalista. Então, no aranhaverso, essa coação se atualiza no embate, por exemplo, entre o patriotismo

¹³ Pesquisado em: <https://www.marvel.com/>. Acesso em: 4 jul. 2023.

estadunidense e a tentativa de manutenção da soberania das outras nações; entre as injustiças sociais e a busca pela equidade; e entre o feminismo e a luta contra as ações opressoras do patriarcalismo.

Quando fazemos uma leitura de Volóchinov (2018) sensível às condições teóricas contemporâneas, em que as disputas ideológicas não se restringem a classes, podemos entender que a própria afirmação de luta por identidade nacional de outrem já sinaliza que não é mais uma questão restrita à classe social. Esta avança para o discurso da diversidade. É isto que está materialmente apresentado nas figuras e suas descrições. Nesse cronotopo pós-moderno do aranhaverso, a figura 4 instala a tensão entre o nacional e o internacional, inclusive o étnico-racial. Novamente, não se trata de uma questão de classe, mas de diversidade.

O material apresentado sugere que o discurso nacionalista por meio do qual se significava o super-herói vai gradativamente dando lugar a um herói mais humanizado com seus dilemas até que se tem o discurso da diversidade. Eis, por exemplo, a manifestação de questões raciais, de gênero social. É o que, por exemplo, emerge das figuras 3, 4 e 5. Não se trata de mera cronologia da personagem e uma relação disso com o conceito de cronotopo, mas a possibilidade histórico-material de colocar diferentes tempos em diálogo e, assim, instalar um cronotopo particular. O grande tempo pós-moderno abre dimensão para que, no aranhaverso, o discurso da diversidade tome protagonismo nos enunciados aracnídeos. O aranhaverso, com base nessa compreensão, emerge das refrações flagrantes nos ajustes no grande tempo e que são postas em relação direta pelo cronotopo pós-moderno.

Recentemente, a interação desses personagens pertencentes a diferentes universos/cronotopos é chamada, nos quadrinhos, de *crossover*, evento que só acontece graças à teoria do multiverso. Traçando paralelo entre a teoria bakhtiniana e o multiverso dos Super-Heróis, um *crossover* ocorre quando dois ou mais personagens, situados em cronotopos diferentes, aparecem juntos em um mesmo espaço-tempo. Tem sido recorrente essa estratégia tanto nos quadrinhos quanto, agora, nos cinemas, como pudemos ver nos últimos filmes e séries da Marvel, principalmente depois do doutor Estranho, a pedido de Peter Parker, ter aberto o multiverso¹⁴.

O primeiro *crossover* entre Homem-Aranha e personagens situados em outros universos cronotópicos aconteceu nos anos 1980. Contudo, foi nos cinemas que o maior e mais aguardado *crossover* do aranhaverso aconteceu. O super-herói foi interpretado, inicialmente, pelo ator Tobey Maguire, em três filmes. Em 2012, o ator Andrew Garfield assumiu o papel em um único filme e, em 2017, Tom Holland se tornou o Homem-Aranha no primeiro filme-solo no UCM¹⁵, numa tentativa de reiniciar a história do herói da vizinhança, mas sem recorrer ao início de sua história, já de amplo conhecimento dos fãs. O filme apresenta um Homem-Aranha *geração Z*¹⁶, patrocinado por Tony Stark, sua figura paterna, no momento em que os vingadores estavam estremecidos¹⁷ por conta de um desentendimento entre Homem de Ferro e Capitão América.

A saga do multiverso¹⁸ no UCM se inicia logo após o fim de *Vingadores: Ultimato*; o filme de 2019, *Homem-Aranha: Longe de Casa*, funciona como um prelúdio dessa nova fase, que apresenta o universo Expandido Marvel (que acontece graças à abertura do multiverso). Nessa produção, Peter tenta superar o luto pela morte de Tony Stark ao mesmo tempo em que enfrenta o super vilão Misterio. Ao final, o antagonista revela a todos a identidade do herói, que começa a passar por grandes problemas por isso.

¹⁴ No Universo Cinematográfico da Marvel (UCM), o personagem Doutor Estranho, Mago Supremo do UCM, é um dos mais ligados ao conceito de realidades alternativas. Sua conexão com a magia e com as artes místicas lhe confere a capacidade de explorar dimensões e manipular o tecido da realidade. No filme *Homem-Aranha: sem volta para casa*, de 2021, Peter Parker procura o Dr. Estranho e solicita um feitiço para que todos esqueçam sua identidade, mas o feitiço abre os portais do multiverso e vilões de outras realidades aparecem no cronotopo de Peter.

¹⁵ Universo Cinematográfico Marvel. Os filmes anteriores não foram produzidos pela Marvel, mas sim pela Sony Pictures.

¹⁶ Geração Z designa o grupo social composto por pessoas nascidas a partir de 1995, que cresceram junto com a popularização da internet e interagem com o mundo integrando todas as formas de tecnologia disponíveis.

¹⁷ Fase 3 da saga *Infinito*.

¹⁸ Fase 4 do UCM.

Essa é também a prerrogativa do filme seguinte, *Homem-Aranha: Sem Volta pra Casa*, de 2021, que apresenta para os espectadores, ainda de maneira inicial, a teoria do multiverso, que seria melhor desenvolvida e explicada no filme *Doutor Estranho 2: No Multiverso da Loucura* no ano seguinte e em algumas das outras produções subsequentes. Desesperado com o fato de todos terem descoberto sua identidade secreta, Peter procura doutor Estranho para solicitar um feitiço através do qual todos (menos Mary Jane e seus amigos próximos) esquecessem a verdadeira identidade do Homem-Aranha, mas a magia não apenas dá errado, como também abre uma espécie de portal por onde personagens de outros cronotopos (outros universos e/ou franquias) aparecem no contexto espaço-tempo de Peter. Isso permitiu o *crossover* entre os três atores que já interpretaram o Homem-Aranha no cinema: Tom Holland, que é o Homem-Aranha do *universo principal* do UCM e se ambienta na Terra que nós conhecemos; Tobey Maguire, pertencente à TERRA-616, cronotopo oficial¹⁹ dos quadrinhos da Marvel, e Andrew Garfield, da TERRA-199999:

Figura 6 - Reunião das três versões de Homem-Aranha no filme *Homem-Aranha: Sem Volta para Casa*



Fonte: Dos autores²⁰.

Conforme dissemos, o conceito de cronotopo de Bakhtin (2018) e os *crossovers* possuem uma relação direta. O *crossover*, ao reunir personagens de diferentes pequenos tempos do aranhaverso, cria um novo contexto espaço-temporal compartilhado por eles, possibilitando sua interação. Assim, como o conceito de cronotopo reconhece a (co)existência de diferentes dimensões espaço-temporais em uma narrativa, o *crossover* permite que essas dimensões sejam exploradas concomitantemente, criando, portanto, uma narrativa mais rica e complexa, com diversos desdobramentos que não seriam possíveis em narrativas isoladas - e que, até então, não eram.

Desse modo, percebemos que o *crossover* é uma estratégia do mundo da sétima e da nona arte que permite não mais a simultaneidade entre os cronotopos, mas sua interação concomitante, o que repercute, no caso do aranhaverso, na possibilidade da criação de uma narrativa nova e independente, na qual várias versões de Homem-Aranha, algumas delas, inclusive, antagônicas, podem coexistir e agir em harmonia em prol de um bem comum.

Por fim, a trajetória cronotópica (ou, como é conhecida, a cronologia) de um personagem, no universo super-heróis, pode passar também por reinícios, isto é, um *reboot*. Isso significa quando a versão lançada é completamente nova, ambientando-se em outro cronotopo e não possuindo nenhuma relação com a(s) obra(s) anterior(es).

Ao longo da cronologia de Homem-Aranha, já ocorreram vários *reboots*, sendo os mais conhecidos o dos quadrinhos em 1998, com atualizações na vida pessoal e nos trajes do personagem; a linha de quadrinhos *Ultimate Marvel*, que apresentou um *reboot* dentro de um

¹⁹ Chamamos a TERRA-616 de cronotopo oficial das produções Marvel, pois todos os outros planetas *Terra* pertencem a cronotopos diferentes e são variações da original, das quais tomamos conhecimento por conta da abertura dos portais do Multiverso

²⁰ Pesquisado em: <https://disneyplusbrasil.com.br>. Acesso em: 4 jul. 2023.

multiverso, com a introdução do personagem Miles Morales e, no ambiente cinematográfico, com a inserção do personagem interpretado por Tom Holland no UCM após o acordo entre *Marvel Studios* e *Sony Pictures*. Assim, podemos perceber que, embora multifacetado e materializado ao longo de momentos históricos, inclusive em suportes enunciativos diferentes (dos *comic books* ao cinema), podemos considerar o aranhaverso como um multiverso cronotópico que apresenta características próprias.

Uma das primeiras caracterizações é a manifestação axiológica acerca de questões próprias do mundo real, quando o aranhaverso inaugura a criação de super-heróis que vivenciam problemas próximos dos de pessoas comuns, que não possuem superpoderes para enfrentá-los. Mas, para além disso, o ufanismo, já manifestado em outras produções do gênero, se mantém. Ao longo do tempo e com novas ideologias irrigando a vida cultural, o aranhaverso se atualiza, apresentando a Mulher-Aranha, por exemplo, dando vez ao debate feminista.

Uma segunda caracterização é a possibilidade do *crossover*, estratégia cronotópica utilizada pela sétima e pela nona arte para realizar a interseção de cronotopos, permitindo a criação de uma nova realidade narrativa e o desenvolvimento não só do aranhaverso, como de todas as outras possibilidades de multiverso presentes nos quadrinhos.

Por fim, o *reboot* é outra característica importante do cronotopo do aranhaverso, pois, quando ele é realizado, o cronotopo da narrativa é diretamente afetado. O conceito de tempo e espaço são redefinidos, podendo levar a mudanças significativas na caracterização dos personagens, nas relações estabelecidas e nas dinâmicas do universo ficcional.

No aranhaverso, as noções de *reboot*, *crossover* e *multiverso* se entrelaçam, haja vista que várias das versões que compõem esse universo aracnídeo múltiplo são provenientes de reinicializações e/ou releituras da narrativa original do super-herói, e estas se encontram e interagem em um cronotopo específico e único onde todas essas versões (co)existem.

Nessa dimensão, *reboot*, *crossover* e *multiverso* funcionam como vetores materiais para a emergência de um cronotopo pós-moderno em que o Homem-Aranha passa a ser significado pelo discurso da diversidade, e não mais pelo discurso nacionalista em que originalmente fora criado. Nesse cronotopo contemporâneo, signos ideológicos como raça/etnia, gênero social etc. fragmentam o super-herói metonimicamente em seus super-poderes. Os valores que aderem aos superpoderes é que dão vida ao personagem no aranhaverso, e esses valores são interpelados pelo discurso da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste artigo orientar o olhar do leitor para a noção de cronotopo, mobilizando algumas contribuições de Bakhtin e o Círculo, a partir da análise de produções discursivas (HQ e cinema) envolvendo o super-herói Homem-Aranha. O cronotopo se refere ao entrecruzamento das variáveis tempo e espaço que delineiam o fluxo de eventos que constituem uma dada narrativa. Ele se apresenta como fator imprescindível para a configuração dos elementos do projeto ficcional, seja como centro organizacional dos acontecimentos basilares que ocorrem na história, seja como repertório valorativo no qual o interlocutor se apoia para produzir sentido, visto que “qualquer entrada no campo dos sentidos só se concretiza pela porta dos cronotopos” (Bakhtin, 2018, p. 236).

Observou-se que a cronologia de um personagem pode ser construída de diferentes formas e visões em decorrência de fatores sócio-históricos (época da produção, questões culturais relacionadas a determinadas regiões etc.). Conforme notamos, há diversos personagens Homem-Aranha, sob um determinado enquadre temporal e espacial, com narrativa própria, cada um seguindo a égide de um cronotopo específico. Contudo, há certos eventos, denominados de

canônicos, que são reiterados nas mais variadas versões produzidas, visando justamente garantir certa identidade ao personagem e à trama, inclusive do ponto de vista axiológico-existencial.

A confluência dessas versões em um mesmo cronotopo, ou seja, a existência desses universos, onde convivem as diversas versões de um determinado personagem, foi tratada aqui como multiverso. O multiverso, portanto, do Homem-Aranha e de suas várias versões, bastante frequentes nos quadrinhos e no cinema, ganhou o nome de aranhaverso.

Na análise realizada, estudamos como o cronotopo do aranhaverso confere traços ao Homem-Aranha e, ainda, como o enquadre deflagra axiologias relacionadas aos sujeitos sociais no processo de produção de sentido. Essa constatação coaduna com Bakhtin quando diz que “o cronotopo sempre inclui o elemento axiológico. [...] todas as determinações de espaço-tempo são inseparáveis e sempre tingidas de um matiz axiológico-emocional” (Bakhtin, 2018, p. 217).

Vale ressaltar que, conforme Bakhtin (2018), um mesmo cronotopo pode ter inúmeros pequenos cronotopos. Segundo o autor, os cronotopos podem “incorporar-se uns aos outros, coexistir, entrelaçar-se, permutar-se, confrontar-se, contrapor-se ou encontrar-se em inter-relações mais complexas” (Bakhtin, 2018, p. 229). Quando analisamos o aranhaverso, pode-se afirmar que ele se apresenta como cronotopo dominante, regente, ao qual todos os outros cronotopos se submetem e, assim, ele confere traços para a composição de um certo Homem-Aranha *universal*, constituído pelas versões dele próprio empreendidas no grande tempo aracnídeo.

Ademais, a possibilidade de entrelaçamento entre cronotopos, citadas por Bakhtin (2018), é o que possibilita o *crossover*, estratégia que permite que diferentes personagens, de terras diferentes, vivenciem uma mesma realidade, com o fito de promover correções que possam estabilizar sua existência nas terras donde advêm.

O processo de análise permitiu-nos pensar, também, como a noção do cronotopo é produtiva para pesquisas que visam compreender práticas de linguagens com o objetivo de perscrutar possibilidades de construção de sentido, estabelecendo relações entre discurso e apreciação valorativa em um determinado tempo e espaço. Nas histórias do Homem-Aranha, é notória a influência do cronotopo sobre a construção do tornar-se super-herói, a partir de temporalidades específicas, culminando em um tempo-espaço simbólico único, sempre tingido enunciativamente pela unicidade do ser em dado cronotopo singular e irrepetível.

Acreditamos que, com isso, demos um primeiro passo em prol de pesquisas que fazem interface entre a noção bakhtiniana e o universo quadrinhístico. A despeito disso, é necessário avançar quanto ao tema, tanto pesquisando o aranhaverso quanto outras narrativas, justamente para advogar pela centralidade do cronotopo para a observação mais clínica acerca dessas produções enunciativas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisco R. da Silva; ANDRADE, Flávia H. I.; RIBEIRO, Pollyanne B. Enunciado e ideologia em tirinhas da Rã Zinza no contexto pandêmico: uma análise dialógica do discurso. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, RS, v. 56, n. 3, p. 465-481, set./dez. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas de Sergei Botchararov, da edição russa. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-70.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

CARVALHO, Ive Marian de. *A transposição didática do gênero História em Quadrinhos (HQ) no 9º ano do ensino fundamental*. 2018. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CARVALHO, Ive Marian de; RIBEIRO, Pollyanne B. *As HQ chegam à escola*. São Paulo: Pontes Editores, 2018.

FIGUEIRA, Diego A. Alves Gomes. *Dialogismo e tradição nas histórias em quadrinhos contemporâneas*. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, SP, São Carlos, 2009.

LEE, Stan. *Amazing fantasy (1962) #15*. New York: Marvel, 1962. Disponível em: https://www.marvel.com/comics/issue/16926/amazing_fantasy_1962_15. Acesso em: 4 jul. 2023.

LOVETRO, José Alberto. Quadrinhos além dos gibis. In: HISTÓRIA em quadrinhos: um recurso de aprendizagem. Rio de Janeiro: TV Escola (MEC), 2011. (Salto para o futuro, v. 21, n. 1). ISSN 1982-0283 Disponível em: https://www.noticiasead.com.br/images/stories/pdf_ppt_Doc/181213historiaemquadrinhos.pdf. Acesso em 19 jun. 2023.

MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: DE PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (org.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. São Paulo: Mercado de Letras, 2010. v. 1, p. 1-19.

MARQUES, Fátima Carla F. S.; FREITAS, Sâmya S. O cronotopo bakhtiniano no ensino de língua portuguesa: a relação tempo e espaço na construção de sentidos e no funcionamento discursivo. In: RIBEIRO, Pollyanne B.; CARVALHO, Ive Marian de. *Práticas dialógicas na aula de Língua portuguesa*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 91-118.

PITOMBO, Heitor. *Marvel - 40 anos de Brasil*. Barueri: Editora Escala, 2007.

RIBEIRO, Pollyanne B.; FREITAS, Sâmya S. O cronotopo em tirinhas do Armandinho: posicionamentos valorativos sobre o combate à covid-19 no Brasil revelados na relação tempo-espaço. In: COLÓQUIO DISCURSO E PRÁTICAS CULTURAIS, 2., 2020, Fortaleza, CE. *Anais [...]*. Fortaleza: UFC, 2020. v. 2, p. 480-499.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.